

SEQUÊNCIA 2

A última cruzada

A batalha travou-se num descampado de Marrocos, a 4 de agosto de 1578.

Um terreno plano, orlado por um rio, porventura engrossado por uma cheia de verão. Do lado dos cristãos encontravam-se dez mil portugueses, mercenários alemães, italianos, dois mil espanhóis, um inglês católico e um bando de mouros comandado por um jovem sultão. E, no campo oposto, um velho sultão defendia o seu reino contra o invasor, um rei de vinte e quatro anos que apoiava o seu rival.

Vinte mil homens de um lado e trinta mil do outro.

Ao cair da noite, tinham morrido três soberanos. O velho, de crise cardíaca; o seu rival, de afogamento. O terceiro estava irreconhecível, mas testemunhas juraram que era ele, aquele corpo ensanguentado, aquele rosto sem nariz.

Os dez mil portugueses tinham perdido o seu rei. Mas seria realmente ele? Quem o poderia provar? Os oficiais cativos que identificaram um corpo desfigurado, despojado das insígnias reais? Ora! Não é verdade. Ele sobrevivera, fugira, voltaria, não podia morrer. O rei de Portugal, D. Sebastião, o *Desejado*, desespero do seu povo.

Quando o Sol se ergueu sobre o campo de batalha, ficaram dez mil guitarras na areia, abandonadas em Alcácer Quibir.

O jovem rei desaparecido era filho póstumo de um infante português e de uma filha de Espanha.

O pai, casado aos dezasseis anos, morreu a 2 de janeiro de 1554. D. Sebastião de Avis nasceu a 20 do mesmo mês e a mãe abandonou-o, preferindo juntar-se ao irmão, rei de Espanha, em Madrid. O povo português chamou ao recém-nascido *Crucificado*, *Fruto dos Gemidos*, *Filho das Lágrimas* e, depois, finalmente, permaneceu um único cognome, *O Desejado*.

Aos três anos de idade, sucedeu ao avô, que acabara de morrer. A avó incumbiu-se da regência, seguida pelo tio D. Henrique, mas só ele resplandecia. Pelas circunstâncias do seu nascimento, o povo adorava-o. Aos nove anos, presidiu às Cortes, a assembleia da Nação. Aos catorze anos, tendo atingido a maioridade, começou a reinar.

Foi um adolescente fervorosamente católico, imbuído de devoção e sonhando com cruzadas. Naquele tempo, já ninguém pensava em cruzadas, demasiado caras, demasiado longas, custando muitas vidas, mas ele só pensava nisso, reunir um magnífico exército, atravessar o oceano e fundar um império em Marrocos.

Foi o que fez. Contra todo o bom senso, fê-lo. Venerado pelo povo e sem nenhum apoio, o jovem nascido póstumo partiu em cruzada para Marrocos. Fê-lo e foi um desastre, como se espera que sejam os desastres militares quando se organiza um exército para ir invadir um país muçulmano e, contra a vontade dos povos, se possui espírito de cruzada, animado pela fé em Deus, *in God we trust*. Naqueles tempos longínquos, um chefe do exército comandava as tropas no campo de batalha comprometendo a vida.

Fê-lo. O rei D. Sebastião desapareceu no Norte de Marrocos.

Dizem que não morreu; ele, de resto, voltou. Uma vez, duas vezes, três vezes. Desde 1578, ano da catástrofe, os Portugueses aguardam o seu regresso.